

PENSANDO A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DE MARTIN HEIDEGGER

Alvino Moraes de Amorim¹

RESUMO

Martin Heidegger, (1889-1976) um dos maiores pensadores do século XX, refletiu sobre o ser-no-mundo e suas angústias, exploramos sua contribuição para a educação, explicitando o pensamento Heideggeriano acerca da formação do ser humano holístico, aberto para o mundo num constante fazer e refazer na busca de sua autenticidade. As preleções escritas para a sala de aula nos revela a importância da educação para um saber que é teoria, mas que também é prática guiada por uma linha que nos ajude a compreender o que significa pensar.

Palavras chaves: Educação. Heidegger. Pensar.

THINKING EDUCATION IN THE PERSPECTIVE OF MARTIN HEIDEGGER

ABSTRACT

Martin Heidegger (1889-1976), one the greatest thinkers from the XX century, he reflected about the Being-in-the-world and its anguishes, we explore his contribution to education, expliciting the thought Heideggeriana bout the formation of the holistic human , open to the world in a constant make and remake in search of its authenticity. The prelations written for the classroom reveal to us the importance of education to a knowledge that is theory but it is also practice guided by a line that help us to understand what it means to think.

Key words: Education. Heidegger. Think.

¹ Mestrando em Educação pela Universidade de Uberaba - UNIUBE. Alvino.amorim@ifro.edu.br. Professor de Filosofia da educação e Filosofia no ensino médio do Instituto Federal de Rondônia Campus Vilhena.

INTRODUÇÃO

O que é existir? O que é educação? Discutiremos na perspectiva de Heidegger os conceitos de existência e educação. Existência implica a relação com a cultura, com a natureza e com outros seres humanos. Por sua vez a educação, em especial na contemporaneidade, é dialógica, sem monopólio, pois os computadores e aplicativos estão criando problemas para a educação contemporânea.

O ato de educar é inerente ao ser humano, é uma via de mão dupla do ensinar e aprender. Toda ação que ajusta o ser humano dentro do seu ciclo de convivência é educação. O ser humano lançado no mundo, se distancia das suas potencialidades vivendo uma vida angustia e inautêntica. Para Heidegger, o mundo não é o cosmológico, mas sim um mundo dentro de uma conjuntura política, econômica e social.

Com efeito, destacaremos neste artigo dois pensadores da educação: Henry Giroux e Domingo Contreras. Ambos discutem as práticas docentes, os professores como intelectuais transformadores e a autonomia dos professores, apontam caminhos para uma educação que contemple o todo e não apenas parte do processo educativo.

A educação é um processo e no centro deste processo está o ser humano, que para Heidegger, fundamenta se como o ser com o mundo, o ser para com os outros e o ser consigo mesmo, o ser humano cria e ele mesmo destrói.

Ademais iremos explorar neste artigo os textos de Heidegger escritos para a sala de aula classificados como “preleções”, textos que refletem a prática docente de Heidegger, contextualizando-os com a Lei de n.º 13.415/2017 que, no bojo dos debates entre educadores, constata-se o advento de mais precarização da prática docente, comprometendo o papel fundamental da educação que é ajudar o ser humano a viver melhor em sociedade.

Na segunda parte do artigo apresentaremos o ser humano como um ser de relação que está ensinando e aprendendo, e nesse movimento relacional o homem ocupa posição central no mundo. Aprender para Heidegger é conhecer o objeto da aprendizagem de forma empírica. Esse ser humano que pensa, sente e cria, habita o mundo, mora no mundo conquista espaço nesse mundo. Uma educação para a liberdade envolve escolha, decisão e responsabilidade. Heidegger busca uma liberdade de pensamento, sabiamente observa que “todo mundo é outro e ninguém é si próprio” (HEIDEGGER, 2005, P.181).

Heidegger para Educadores

O indivíduo descobre quando e como ele deve aprender percebendo que precisa dos outros para ir se revelando enquanto ser humano, essencial para sua humanização. Acreditamos em uma educação que valorize o ser humano não pelo seu preço, mas pela sua dignidade seu valor entendido não como meio, mas como fim da atividade e da prática educativa.

A sociedade nos séculos XX e XXI é voltada para a técnica, para a coisificação e manipulação, levando o ser humano ao utilitarismo e proporcionando uma lacuna na existência humana. A angústia e o utilitarismo provocam as “cadeias utilitárias”, por exemplo, “Para que serve um livro? Serve para ler. Porque eu leio? Leio para me instruir. Porque me instruo? Para trabalhar.” Percebemos que o livro está numa cadeia utilitária e as perguntas não tem fim, promovendo, assim, uma crise existencial no indivíduo. A educação deve promover no indivíduo a surpresa da descoberta de si mesmo, despertando para que viva de forma digna.

Heidegger não foi um teórico da educação, mas um pensador envolvido com a atividade docente. Ocupou-se com o ensino de filosofia durante grande parte de sua vida, ministrando cursos e conferências. Foi reitor em 1933 da Universidade de Freiburg, e por alguns meses nesse período, afastou-se de seu Mestre Edmund Husserl. Segundo Roberto Saraiva Kahlmeyer-Mertens autor da obra “Heidegger e a Educação” (2008, p. 11), podem agrupar os escritos de Heidegger em três categorias, a saber: tratados, conferências e preleções.

Os tratados são textos que investigam com profundidade determinado tema, como sua principal obra *O Ser e o Tempo* de 1927; as conferências são textos que o autor apresentou em congressos e eventos; as preleções são textos didáticos escritos para a sala de aula, que consistem basicamente na leitura de um texto preparado pelo professor, que é lido para os alunos. Textos como: “Kant e o problema da metafísica” (1929); “Heráclito” (1943-44); “O que significa Pensar” (1951-52). São nestes textos que encontramos a prática docente de Heidegger.

A educação é um processo que deve ocorrer de forma intencional, planejada e articulada para determinados fins. Quando o professor, por inúmeras razões, desconsidera isso, corre o risco de trabalhar em uma educação superficial, que de fato não colabora com a formação do aluno, ou mesmo que apenas ofereça a ele conteúdos prontos e que dificilmente colaboram para sua formação cultural, social e identitária.

Pensamos à educação numa perspectiva dialogal, com o Dasein de Heidegger o ser-no-mundo é presença, é relação com o outro, consigo mesmo e com o mundo. Nesse sentido a

educação coloca para nós educadores tarefas e desafios. O trabalho de formar cidadão no século XXI tornou-se muito complexo devido às teias de relações existentes na sociedade limitando muitas vezes apenas ao conhecimento de leis e regras, não possibilitando a participação da vida coletiva de forma consciente.

O projeto de Lei n.º 867, de 2015, denominado “escola sem partido” compreende a educação como um perigo constante com uma formação unilateral. Por isso, a necessidade de vigilância. Heidegger nos adverte (2007, p.391) “mas onde há perigo, cresce também a salvação”. Platão nos mostra o caminho, a educação que o filho de uma dona de casa recebe deve ser a mesma do filho de um estadista. É só a Paidéia (educação grega) que poderá decidir equanimemente, quem vai exercer o poder de forma justa. Logo, a educação tem papel fundamental na formação do cidadão.

Heidegger questiona a definição aristotélica da essência do homem como um animal racional. Segundo Heidegger, o que vem primeiro é a própria existência do homem e é na relação com o outro que acontece o verdadeiro mostrar-se da existência. Ainda para o pensador, a existência é mais do que um ato de expansão pelo qual estamos projetando-nos constantemente para o futuro, sempre na expectativa, sempre esperando coisas.

Ao educar formamos culturalmente o ser humano e nos formamos numa relação dialógica que a educação nos proporciona o “ser ai” (Dasein) empreendida em ser e tempo não nega a condição social e política do humano, somos seres com, não existimos sozinhos encontramos sentido com outros, porém cada um na sua idiossincrasia de ver/perceber o mundo.

Concebe-se a educação como modelo que ajuda o ser humano a viver melhor em sociedade, fundamentando à aprendizagem como mudança relativamente permanente no potencial para o comportamento que resulta da experiência, e compreendendo que o exercício do existir não é uma existência pronta e sim um fazer-se. Heidegger ao analisar a ciência, elucida:

Outra coisa consiste numa conjuntura que atravessa e rege todas as ciências, embora lhes permaneça encoberta. Somente uma clareza suficiente, sobre o que é a ciência, será capaz de nos fazer ver esta conjuntura. Mas como poderemos alcançá-la? A forma mais segura parece ser uma descrição da atividade científica atual. Tal exposição poderia mostrar como, de há muito, as ciências se encaixam, de maneira sempre mais decidida e ao mesmo tempo cada vez menos perceptível, em todas as formas da vida moderna: na indústria, na economia, no ensino, na política, na guerra, na comunicação e publicidade de todo tipo. [...] Pode-se dizê-lo numa frase concisa: *a ciência é a teoria do real.* (Heidegger ensaios e pensamentos p.40).

Educar pressupõe cuidados, afetividade, acolhimento e disciplina. Só o ser humano é dotado da faculdade da razão. Logo, é capaz de aprender, mas não sozinho, pois depende do outro das relações sociais, das condições econômicas, de uma conjuntura que o educador deve desvelar na relação docente/discente para a construção do conhecimento.

Há incerteza na educação brasileira gerada pelas políticas públicas, medidas provisórias e leis, como se constatava na MP 746/2016 de setembro, agora Lei n.º 13415/2017, com significativas mudanças como a não obrigatoriedade de algumas disciplinas no ensino médio como: Filosofia, Sociologia, Artes e Educação Física. Pensar na educação a partir de Heidegger é buscar na existência humana com suas relações múltiplas, concretas e dinâmicas o fundamento da vida humana, porque entendemos que são nos espaços educativos, como escolas, igrejas, movimentos sociais, dentre outros, que se torna explícito o sentido do ser e da existência humana.

As instabilidades políticas e os poucos recursos destinados à educação nos remete ao que Heidegger vai chamar de Angústia. Nesse sentido é preciso ver os obstáculos e encará-los de frente, para não culminar numa existência inautêntica: “finjo que ensino e você finge que aprende”. No ato de educar, estabelecemos relações e diálogos, projetamos nossas vidas num movimento de construir um projeto, e isto é existir. Ao buscar alcançar uma sociedade mais igualitária através da educação, sofremos interferências de uma série de fatores adversos que desviam do nosso caminho existencial, e então confrontamos com os outros o desafio de superar a banalidade do cotidiano educacional para assim não ser absolvido no com o outro e para o outro.

Na educação os desencontros são de todos, alunos querem aulas mais atrativas e professores não encontram feedbacks dos alunos. Constata-se a necessidade de criar espaços nos ambientes escolares para a prática de reflexão sobre a docência. Nesse cenário o professor é um agente de inovação, mas também de resistência porque é um agente de pensamento.

Afirma Giroux (1999, p.166) que “a docência é um trabalho intelectual e não puramente técnico, está aí um núcleo para ser debatido porque as instituições com suas atribuições nos transformam em técnicos”. E em uma escola democrática os professores fazem o que as famílias não conseguem fazer na educação de seus filhos. Heidegger ao pensar a técnica hoje intrinsecamente presente na educação nos faz um alerta:

É correto dizer: também a técnica moderna é um meio para fins. Por isso todo esforço para conduzir o homem a uma correta relação com a técnica é determinado pela concepção instrumental da técnica. Tudo se reduz ao lidar de modo adequado com a técnica enquanto meio. Pretende-se como se diz, ter espiritualmente a técnica nas mãos. Pretende-se dominá-la. O querer dominar se torna tão mais iminente quanto mais a técnica ameaça escapar do controle do homem. (Heidegger, 2012 p. 12)

As ideias de Heidegger possibilitam mudanças na nossa compreensão de existência, indivíduo, entre outros, caracterizando nossa ação pedagógica pela busca do conhecimento do ser por meio da análise do homem pela sua existência. Constatamos essas possibilidades quando o indivíduo deixa o lugar de espectador para atuar no mundo. Como enfatiza Demerval Saviani:

Atualmente alguns educadores buscam rever suas posições pedagógicas à luz da fenomenologia e do existencialismo (Husserl, Heidegger, Merleau - Ponty). [...] registrei de modo explícito essa diferença matriz ao afirmar que a referida concepção admite a existência de formas descontínuas de educação [...] na medida em que, em vez de considerar a educação como um processo continuado, obedecendo a esquemas predefinidos, seguindo uma ordem lógica, considera-se que a educação segue o rito vital que é variado, determinado pelas diferenças existenciais ao nível dos indivíduos; [...] Acontecem independentemente da vontade ou da preparação. Tudo ao que se pode fazer é estar predisposto e atento a esta possibilidade. (SAVIANI 1995 *apud* Kahlmeyer-Mertens, 2008, p. 72).

A educação muitas vezes liga-se a indústria cultural estabelecendo verdades que podem ser “desveladas” em outro momento, cometendo, assim, um equívoco porque a educação não pode valer-se dos meios de comunicação para o processo educacional, salvo raras exceções. A prática constante nas escolas de fazer uma relação dos conteúdos com o que se passa na grande mídia, enquanto que a educação na perspectiva Heideggeriana deveria ser uma alternativa para a análise da realidade. Pensar a realidade educacional é uma tarefa complexa, e Heidegger no seu ensaio “O Que Quer Dizer Pensar?” (2012, p.112) nos aponta o caminho “O homem aprende à medida que traz todos os seus afazeres e desfazeres para a correspondência com isso que a ele é dito de modo essencial. Aprendemos a pensar à medida que voltamos nossa atenção para o que cabe pensar cuidadosamente”.

Aprender para Heidegger é conhecer o objeto da aprendizagem de forma empírica. Percebe-se a fundamental importância dos laboratórios em nossas escolas, na prática da manipulação dos objetos, e na relação com o mesmo que a educação vai cumprindo sua função

de transformadora do ser humano e da realidade que o cerca. E o conhecimento construído passa ter um significado como afirma Ausubel sobre o conhecimento significativo.

É o produto significativo de um processo psicológico cognitivo (“saber”) que envolve a interação entre idéias “logicamente” (culturalmente) significativas, idéias anteriores (“ancoradas”) relevantes da estrutura cognitiva particular do aprendiz (ou estrutura dos conhecimentos deste) e o “mecanismo” mental do mesmo para aprender de forma significativa ou para adquirir e reter conhecimentos. (AUSUBEL, 2002, p.2).

A nossa existência no mundo é consciente e não podemos mudá-lo porque este é algo dado para nós, é fato. Somos determinados pela natureza, e pela cultura herdamos características de nossos pais, através da educação nós transcendemos quando não aceitamos as injustiças sociais, a discriminação e o preconceito, encontramos o sentido do passado e projetamos um futuro diferente. Destarte, Heidegger enfatiza que a tomada de consciência é individual, superando os obstáculos que encontramos no nosso cotidiano para dar sentido a nossa existência.

Nascemos totalmente originais e aos poucos vamos nos tornando parecido no sentido que as mídias, a escola e as Igrejas vão nos massificando, uniformizando, modelando, copiando, imitando os outros e nesse processo o ser humano vai se adaptando ao mundo e também se descaracterizando, perdendo sua originalidade, sua essência. É dado a nós o significado do mundo de acordo com a cultura.

O que Heidegger chama atenção é que este significado é uma construção do homem, e se é construído, logo, a educação na perspectiva de Heidegger deverá desmistificar, os preconceitos, nasce no pensamento Heideggeriano a possibilidade de se pensar de forma originária uma educação libertária, superando o pensar uniforme. Heidegger explica que (2012, p.116) “Ainda não pensamos porque o que cabe realmente pensar se des-via do homem e não porque o homem não se en-via, de maneira suficiente, a isto que cabe pensar”.

O Ser Humano Ser de Relação

O Dasein, ou seja, o ser ai, segundo Heidegger disponibiliza entes diferentes de instrumentos e coisas, estamos no mundo ensinando e aprendendo e nesse movimento relacional, o homem ocupa posição central no mundo constata a preocupação de Heidegger (2010, p.47)

Hesitamos em considerar como uma coisa o camponês no campo, o fogueiro diante da caldeira, o professor na escola. O Homem não é nenhuma coisa. [...] sentimos falta do ser humano e pensamos encontrar antes o que constitui o caráter de coisas das coisas.

Os recursos tecnológicos utilizados na educação acabam por massificar o ser humano, não possibilitando uma existência autêntica e a ciência é detentora do poder, tomamos aqui a exemplo o Exame Nacional do Ensino Médio, onde existem respostas objetivas e dissertativas, que obedecem a critérios que corresponde ao condicionamento, anulando do ser sua autenticidade. Neste aspecto a educação não permite ao ser criar condições para colocar em prática sua idiossincrasia.

A educação corrobora para uma formação técnica e rápida do homem, levando a educação apenas a responder as necessidades do mercado afastando dos seus anseios mais fundamentais. Heidegger pensa o homem entregue a si mesmo, na sua individualidade, com seus problemas psicológicos e conflitos existências, não pensa o homem social e técnico. Constata-se nos colegiados e conselhos de classe essa perspectiva da existência conflituosa em que se encontra o ser humano do século XXI.

Heidegger inverte a máxima de Descartes “penso, logo existo” para primeiro “eu existo, depois penso”. Encontram-se aqui um imperativo aos educadores, quais matrizes estão inseridas: reflexivos ou técnicos? Percebe-se o caráter técnico na formação dos docentes especialistas da educação, confirmando o aspecto tecnicista da prática educativa, dá se ênfase na ação puramente instrumental provocando lacuna no processo educativo, privando que o aluno faça sua descoberta para o conhecimento. Contreras Domingo nos alerta.

[...] O docente técnico é o que assume a função da aplicação dos métodos e da conquista dos objetivos, e sua profissionalidade se identifica com a eficácia e eficiência nesta aplicação. Não faz parte de seu exercício profissional o questionamento das pretensões do ensino, mas tão-somente seu cumprimento de forma eficaz (CONTRERAS DOMINGO, 2002a, p. 102).

Os dilemas e as incertezas dominam grande parte da prática educativa, sendo necessária que se rompa com a perspectiva puramente técnica nessa ação. A luz da Filosofia Heideggeriana pode fazer a passagem do saber prático para o saber filosófico da educação. A relação docente com o espaço escolar com o lugar geográfico em que está inserido busca uma educação que chegue a essência do ser humano. O homem habita o mundo, mora no mundo, conquista espaço nesse mundo. Heidegger destaca que (2012, p.137) “A referência do homem aos lugares e

através dos lugares aos espaços repousa no habitar. A relação entre homem e espaço nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial”.

A educação no sentido da “Paidéia” é a formação holística do homem. Não somos uma “folha em branco” determinada, em todos os nossos comportamentos revelamos nosso ser. A compreensão deve estar na base da dinâmica de encerramento do mundo. O Dasein sempre compreende o mundo e o que traz significado para sua existência. Heidegger na obra Ser e Tempo explicita a relação do ser.

Mas assim como o revelar-se o fechar-se se fundam nos modos de ser respectivos de convivência de tal maneira de que ele nada mais é do que isso mesmo, também a abertura explicitada na preocupação nasce meramente do ser-com primordial. Essa abertura temática e não teórica ou psicológica do outro se evidencia facilmente pela problemática da compreensão teórica da vida psíquica do alheio, como o fenômeno que é o primeiro visualizado. (HEIDEGGER 2005, P.176).

O ser em si tem sido escondido dos seres humanos. Heidegger corrobora para compreendermos o que é e quem é o ser humano, e é dever da educação promover uma atitude nova nos seres humanos em relação à vida presente no planeta, o consumo desenfreado, a exploração sem limites dos recursos naturais, impõe um imperativo aos educadores que uma nova forma de pensar é necessária e para alcançá-la é fundamental uma educação fundada no diálogo de ser humano para ser humano, não de forma virtual como presenciamos no nosso cotidiano. O homem enquanto pensador, para Heidegger é:

O homem é, no entanto, visto como ente que pode pensar. E isso com razão, pois o homem é o ser vivo racional. A razão, porém, a *ratio* desdobra-se em pensamento. Enquanto ser vivo racional o homem desde que queira, precisa poder pensar. [...] O homem pode pensar à medida que tem a possibilidade para tal. Tal ser-possível, porém, ainda não nos garante que o possamos. Pois ser na possibilidade de algo quer dizer: permitir que algo, segundo seu próprio modo de ser, venha para junto de nós; resguardar insistentemente tal permissão. (HAIDEGGER, 2012, P.111).

O homem na sua essência é sempre compelido a tentar novamente, por isso, a educação tem papel fundamental na vida humana, afim de que este não seja controlado por máquinas, realidade quase impossível nos dias atuais. Estamos sempre nos reinventando, não estamos prontos no exercício de existir, estamos num constante fazer-se no sentido Heideggeriano de Dasein. Os espaços escolares devem ser aproveitados como abertura de nossa própria existência, pois é na convivência com os outros que vamos nos deixando se revelar. Segundo Heidegger (2012, p.112) “o homem aprende à medida que traz todos os seus afazeres e desfazeres para a correspondência com isso que a ele é dito de modo essencial”.

Uma educação para a liberdade envolve escolha, decisão e responsabilidade. Heidegger busca uma liberdade do pensamento, sabiamente observa que “todo mundo é outro e ninguém é si próprio. O impessoal, que responde a pergunta quem da presença cotidiana, é ninguém, a quem a presença já se entregou na convivência de um com o outro”. (HAIDEGGER, 2005, P.181).

O educador que se coloca como aquele que ensina e aprende a pensar, deve desafiar o educando a acompanhar e exercitar o dinamismo do pensamento. O homem está em construção é um ser que se faz na sua cotidianidade na relação entre o ensinar e o aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Martin Heidegger não foi um estudioso da educação, mas sua filosofia é fundamental para ela. Na medida em que se discute a existência como o ser, percebe-se, em sua essência, como um sujeito que está no mundo, fazendo-se através de suas relações com outros seres. Sua contribuição para a educação proporcionou discutir os conceitos de existência, sujeito, razão e indivíduo.

Compreender a educação na perspectiva de Heidegger é acreditar na possibilidade da autenticidade do ser humano, que colocado no mundo sem sua própria vontade é capaz de estabelecer relações com este mundo, preservando sua individualidade numa sociedade que cada vez mais se impõe para a perda da identidade. Heidegger branda “O homem aprende à medida que traz todos os seus afazeres e desfazeres para a correspondência com isso que a ele é dito de modo essencial. Aprendemos a pensar à medida que voltamos nossa atenção para o que cabe pensar cuidadosamente”. (2012, p.112).

A educação no atual contexto de mudanças no ensino básico se faz necessário pensar a luz da filosofia de Heidegger o ensino/aprendizagem que possibilite a construção do conhecimento, dos indivíduos para viver uma vida autêntica e de realização plena do ser, enquanto ser no mundo. Heidegger mesmo quando foi proibido de ensinar após o término da Segunda Guerra Mundial, continuou a dar aulas as escondidas e comprometeu-se com uma educação que levava a liberdade de pensamento para além da “interpretação da existencialidade como cura, e a sua delimitação frente à realidade”. (2012, p.280).

O ser humano está sempre se fazendo e reinventando. Na educação encontramos as possibilidades de desvelamento; e é nas relações cotidianas que nosso ser é manifestado de forma autêntica corroborando para compreendermos o que é e quem é o ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONTRERAS DOMINGO, José. A autonomia ilusória: o professor como profissional técnico. In: _____. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002^a. p.89-104. (cap.4).

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HEIDEGGER, Martin. **A Origem da Obra de Arte**. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70 Lda, 2010. P.45-50.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: **Ensaio e Conferências** Tradução de Emanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Maria Sá Cavalcante Schuback. 8^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. P.111/124. P.10/20.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar pensar. In: **Ensaio e Conferências** Tradução de Emanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Maria Sá Cavalcante Schuback. 8^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. P.125/141.

HEIDEGGER, Martin. O que quer dizer Pensar? In: **Ensaio e Conferências**. Tradução de Emanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Maria Sá Cavalcante Schuback. 8^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. P.111/124.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação Maria Sá Cavalcante Schuback; Posfácio de Emanuel Carneiro Leão. 15^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto Saraiva. **Heidegger e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LEI 13.415 DE 16 DE FEVEREIRO DE 2017. Altera a Lei 9394/96 **Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral**. Diário Oficial da União, Brasília, 17 de Fev. 2017.

MOREIRA, M.A. **Aprendizagem Significativa: um conceito subjacente** disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/Moreira_apsigsubport/.pdf> acesso em 25 jan.2017.

Recebido em 30 de maio de 2017.

Aprovado em 14 de junho de 2017.